

A EVANGELIZAÇÃO INFANTIL COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO EM CONTEXTO PENTECOSTAL

CHILD EVANGELISATION AS A LITERACY PRACTICE IN PENTECOSTAL CONTEXTS

Eneusa Xavier

Secretaria Municipal de Educação de Pelotas
eneusaxavier@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa etnográfica que analisa práticas sociais de letramento produzidas por crianças participantes de um grupo de evangelização pentecostal situado em um contexto rural do sul do Rio Grande do Sul. Fundamentado nos Novos Estudos do Letramento e na sociologia da infância, o estudo buscou compreender como louvores, textos bíblicos, narrativas orais e práticas rituais constituem eventos e práticas de letramento socialmente situados. A produção de dados envolveu observação participante em encontros de evangelização e cultos religiosos, registros em diário de campo, entrevistas com crianças e lideranças religiosas, registros audiovisuais e análise documental de materiais utilizados pela igreja. Para este artigo, foram analisados especialmente os registros produzidos em diário de campo ao longo da pesquisa. Os resultados evidenciam que o letramento religioso infantil se configura como uma prática social multimodal, constituída pela articulação entre oralidade, música, corporeidade e textos religiosos, sendo atravessada por relações de poder, processos de socialização moral e formas de pertencimento. Os dados também indicam que as crianças participam ativamente dessas práticas, interpretando, negociando e atribuindo sentidos aos discursos religiosos em suas interações cotidianas. Conclui-se que o letramento religioso infantil constitui uma prática cultural situada, na qual diferentes linguagens e formas de participação produzem experiências de aprendizagem, identidade e agência no contexto pentecostal.

Palavras-chave: Letramento religioso. Práticas sociais de letramento. Infância; Sociologia da infância; etnografia.

ABSTRACT

This article presents findings from an ethnographic study that analyses social literacy practices produced by children participating in a Pentecostal evangelisation group situated in a rural context in the south of Rio Grande do Sul, Brazil. Grounded in the New Literacy Studies and the sociology of childhood, the study sought to understand how hymns of praise, biblical texts, oral narratives, and ritual practices constitute socially situated literacy events and practices. Data production involved participant observation in evangelisation meetings and religious services, field diary records, interviews with children and religious leaders, audiovisual recordings, and documentary analysis of materials used by the church. For the purposes of this article, the records produced in the field diary throughout the research process were given particular analytical attention. The findings reveal that children's religious literacy is configured as a multimodal social practice, constituted through the articulation of orality, music, corporeality, and religious texts, and traversed by power relations, processes of moral socialisation, and forms of belonging. The data also indicate that children participate actively in these practices, interpreting, negotiating, and attributing meanings to religious discourses in their everyday interactions. It is concluded that children's religious literacy constitutes a situated cultural practice, in which different languages and forms of participation produce experiences of learning, identity, and agency within the pentecostal context.

Keywords: Religious literacy. Social literacy practices. Childhood. Sociology of childhood; Ethnography.

Introdução

Grande parte das pesquisas brasileiras sobre letramento tem centrado a escola como principal *lôcus* de produção e análise das práticas letradas. Embora essa centralidade seja relevante, ela tende a relegar outros contextos socioculturais nos quais a cultura escrita também é mobilizada de forma sistemática, como é o caso do religioso. A partir dessa lacuna, desenvolvemos uma pesquisa entre os anos de 2020 e 2025, investigando práticas sociais de letramento em um grupo de evangelização pentecostal situado em meio rural do Rio Grande do Sul[1]

Partindo dessa lacuna, este artigo apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida entre 2020 e 2025 em um grupo de evangelização pentecostal localizado em uma comunidade rural do sul do Rio Grande do Sul. O estudo tem como objetivo compreender como crianças participantes desse espaço de evangelização, vivenciam práticas de letramento em suas interações cotidianas, considerando os modos pelos quais textos bíblicos, louvores, narrativas orais, performances corporais e rituais religiosos produzem significados e orientam formas de participação na comunidade religiosa.

A análise fundamenta-se nos pressupostos dos Novos Estudos do Letramento, especialmente na perspectiva ideológica proposta por Street (2003, 2014), que compreende o letramento como prática social situada e atravessada por relações de poder. Em diálogo com essa abordagem, mobilizam-se contribuições da sociologia da infância (Corsaro, 2009, 2011; Sarmento, 2006), que reconhecem as crianças como sujeitos sociais ativos, capazes de interpretar, negociar e produzir sentidos nas interações que estabelecem com adultos e pares. Também são incorporadas discussões sobre poder simbólico (Bourdieu, 2003, 2007) e sobre as relações entre estratégias e táticas no cotidiano (Certeau, 1994), entendidas como ferramentas analíticas para compreender as dinâmicas observadas no campo empírico.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, realizada por meio de observação participante em encontros de evangelização e cultos religiosos, registros em diário de campo, entrevistas com crianças e lideranças religiosas, registros audiovisuais e análise documental. Para este artigo, foram analisados prioritariamente os registros produzidos em diário de campo durante as observações realizadas ao longo da pesquisa.

Os dados evidenciam que o letramento religioso infantil se configura como uma prática social multimodal, constituída pela articulação entre oralidade, música, corporeidade, narrativas e textos religiosos. Ao mesmo tempo em que essas práticas participam da produção de normas, valores e formas de pertencimento, elas também constituem espaços nos quais as crianças interpretam, negociam e atribuem sentidos aos discursos religiosos em circulação. Dessa forma, o estudo contribui para ampliar a compreensão do letramento para além dos contextos escolares, evidenciando a relevância dos espaços religiosos na produção de práticas letradas e na constituição das experiências infantis.

Além desta introdução, o artigo está organizado em três seções. Na primeira, apresenta-se a fundamentação teórico-metodológica que sustenta a investigação. Na segunda, discutem-se os dados produzidos no contexto do grupo de evangelização pentecostal, com foco nas práticas de letramento vivenciadas pelas crianças. Por fim, são apresentadas as considerações finais, destacando as contribuições do estudo para os campos dos letramentos e da sociologia da infância.

1. Fundamentação teórica-metodológica

Nesta investigação, parte-se da perspectiva de que o letramento não é uma habilidade neutra ou universal, mas uma prática social profundamente situada, moldada pelas normas, valores e relações de poder de cada comunidade. Segundo Street (2003; 2005), o letramento deve ser compreendido a partir dos contextos nos quais é vivido, de modo que seu significado e funcionamento variam conforme o grupo social e cultural em que se manifesta, refletindo tanto práticas cotidianas quanto implicações ideológicas.

Sendo assim, o sujeito letrado mesmo sem ser alfabetizado, participa de práticas que envolvem oralidade, leitura e escrita. Nessa perspectiva, o letramento pode preceder a alfabetização, permitindo que crianças e adultos construam compreensão sobre letras, palavras e textos e os utilizem de forma significativa em sua vida diária (Soares, 2004).

Cabe considerar a importância da oralidade na construção do letramento. Kleiman (2008), entende que o letramento extrapola o mundo da escrita, reforçando que crianças não alfabetizadas realizam práticas de letramento, ou seja, “[...] as crianças são letradas, no sentido de possuírem estratégias orais letradas, antes mesmo de serem alfabetizadas (Kleiman, 2008, p. 18).

Reconhecendo que o letramento extrapola os limites da escola, torna-se fundamental ressaltar sua dimensão social e ideológica e investigar suas manifestações em diferentes espaços sociais, considerando que “as práticas de letramento estão sempre inseridas em contextos sociais e moldadas por relações sociais e normas culturais” (Street 2003, p. 77).

A partir dessa perspectiva, este artigo concentra-se nas práticas de letramento de crianças em um grupo de evangelização pentecostal, valorizando não apenas a leitura e a escrita, mas também a oralidade, tal como se manifesta no cotidiano religioso, sem associá-las à escolarização formal.

A análise teórica se ancora nos conceitos de **eventos e práticas de letramento** que nos Novos Estudos do Letramento, são fundamentais para compreender como a leitura e a escrita se articulam em contextos sociais específicos. Um **evento de letramento** refere-se a situações concretas em que os textos escritos se tornam parte de interações sociais, envolvendo interpretações compartilhadas e usos significativos da leitura e da escrita (Street, 2003; Soares, 2004).

Importante colocar que a expressão ‘evento de letramento’ foi cunhada por Heath (Street, 2010) e refere-se a interação entre as pessoas a partir do texto escrito, isto é, compreende as situações que envolvem práticas de leitura e escrita por determinado grupo social (Heath, 1983).

Conforme explicita Street (2010, p.38) “[...] essa expressão baseia-se na teoria que analisa os **eventos da fala** e é usada como ferramenta de pesquisa para ter a noção de evento de letramento no qual se pode dizer que há ali uma atividade, um evento”. Nesses eventos, a escrita não é apenas um objeto técnico, mas um recurso integrado à vida cotidiana, presente em atividades como ouvir histórias, cantar hinos, interagir com textos ou participar de rituais.

Quando esses eventos se repetem, são refletidos e incorporados à rotina do grupo, configuram-se como **práticas de letramento**, que expressam padrões culturais, normas e valores socialmente reconhecidos (Street, 2003, 2005; Barton & Hamilton, 2000). Enquanto os eventos são momentos específicos de uso da leitura e da escrita, as práticas permitem interpretar significados mais amplos, revelando como os sujeitos internalizam e reproduzem saberes, comportamentos e relações de poder.

Street (2014) defende que a expressão evento de letramento vincula-se ao contexto em que ele é produzido, e, dessa forma, propõe práticas de letramento para se referir ao que se repete nos eventos. Nas palavras de Street (2014, p. 38):

[...] a aspectos que nos possibilitam começar a ver padrões nesses eventos e situar conjuntos de eventos de forma a dar a eles um padrão. Essa padronização, supomos carregar significados para os participantes.

Assim, a análise das práticas de letramento possibilita compreender não apenas ações pontuais, mas também padrões culturais, identitários e ideológicos que estruturam o uso da escrita e da leitura em diferentes contextos sociais.

O estudo também mobiliza o conceito de **poder simbólico** a partir dos estudos de Bourdieu (1989, 2003) e Bourdieu & Eagleton (2007). Observou-se que muitas práticas de letramento no grupo de evangelização expressam relações de poder e dominação, mesmo que, por vezes, de forma sutil, as quais são reforçadas por louvores, narrativas e ensinamentos da evangelizadora, que orientam comportamentos e preceitos morais de forma acolhedora, recorrendo principalmente a testemunhos pessoais articulando com vivências das crianças. Esse poder simbólico opera de maneira naturalizada, garantindo a internalização de normas e crenças, reverberando em uma imposição sutil de normas e hierarquias percebida como legítima pelos sujeitos envolvidos.

No campo dos estudos da infância, a partir da abordagem da 'nova sociologia da infância' para investigações com crianças, Corsaro (2011) destaca dois conceitos fundamentais: cultura de pares e reprodução interpretativa. Cultura de pares infantis entendida "como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais" (Corsaro, 2011, p. 128). O outro conceito proposto por Corsaro (2011), 'reprodução interpretativa', contempla com os aspectos considerados inovadores e criativos da participação infantil da sociedade, ou seja:

[...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações" (Corsaro, 2011, p. 31).

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa seguiu uma abordagem **qualitativa de cunho etnográfico** (Ameigeiras, 2007; Gialdino, 2007; Oliveira, 2006), que permitiu aos pesquisadores inserirem-se no cotidiano do grupo e compreender padrões de interação, modos de comportamento, códigos de convivência e significados culturais presentes nas práticas de letramento. Bem como os jogos de poder, as táticas e estratégias vivenciadas pelos participantes.

A totalidade da produção de dados envolveu **observação participante em 48 encontros**, sendo 33 no Grupo de Evangelização Pentecostal e 15 em cultos da igreja, ao longo de cinco anos, resultando aproximadamente em **650 minutos de registros audiovisuais**, **220** fotos, anotações em diário de campo e entrevistas (gravadas e transcritas) com a evangelizadora, pastor da igreja, 8 crianças participantes do Grupo de Evangelização e moradoras da comunidade rural. Desse montante, para a escrita deste artigo, utilizou-se as escritas no diário de campo a partir da observação participante.

A pesquisa parte da compreensão de que as crianças são **sujeitos sociais ativos**, capazes de interpretar, negociar e produzir cultura a partir das interações com adultos e pares. Seguindo a perspectiva etnográfica com crianças, reconhece-se que "a criança não sabe menos, sabe outra coisa" (Cohn, 2005, p. 33), sendo essenciais estratégias que permitam transcrever e interpretar suas concepções. Graue e Walsh (2003, p. 56) alertam, entretanto, que o olhar do pesquisador sobre a experiência infantil é sempre mediado por múltiplas camadas de experiência e teoria.

Sendo assim, a análise exige uma postura reflexiva e sensível por parte do pesquisador, que reconheça os limites de sua interpretação e busque construir sentidos a partir de uma escuta atenta

às múltiplas formas de expressão infantil. Desse modo, torna-se fundamental adotar procedimentos metodológicos que valorizem a participação das crianças, respeitando suas linguagens, tempos e modos de significar o mundo, de forma a produzir conhecimentos que não apenas falem sobre elas, mas que também considerem suas perspectivas e protagonismo no processo investigativo.

A inserção no campo empírico da pesquisa exigiu **negociação e participação ativa**, incluindo o envolvimento e atuação efetiva em diversos eventos religiosos com escuta atenta das crianças, a fim de compreender os sentidos construídos nos encontros. Essa imersão prolongada possibilitou identificar e interpretar os eventos e práticas de letramento como espaços de socialização religiosa, moralização e exercício de agência cultural infantil, evidenciando tanto as normas religiosas veiculadas pela evangelizadora, o poder simbólico nas relações estabelecidas, quanto às práticas interpretativas das crianças na vivência do letramento religioso, por meio de estratégias e táticas utilizadas pelos participantes, conforme se vê na próxima seção.

2. Letramento religioso das crianças em contexto pentecostal

O grupo de evangelização Pentecostal é composto por 20 crianças, com idades entre 5 e 12 anos, sendo 12 meninas e 8 meninos, das quais 9 participaram da pesquisa.

Com base na participação e observação das diferentes situações vivenciadas, identificou-se distintas formas de inserção das crianças nas dinâmicas religiosas, orientadas por processos de doutrinação que envolvem tanto a participação nas atividades, quanto a apropriação de conhecimentos bíblicos em consonância com os princípios pentecostais da comunidade investigada.

A análise das ações evidenciou a centralidade nos louvores, presente de forma recorrente nas interações e nas práticas realizadas com as crianças. Na sequência, o Quadro 1 apresenta a organização da rotina conduzida pela evangelizadora, como representativo dos demais encontros observados.

Quadro 1 – Organização das atividades das crianças em um encontro de evangelização pentecostal

DIA 03/05/2023
15h – A evangelizadora inicia as atividades com uma oração e, em seguida, solicita que as crianças entoem um louvor relacionado ao conteúdo expressado na oração 15h15min - Leitura de um versículo bíblico, testemunho da evangelizadora e ensaio de louvores. 15h45min – Momento dedicado à coreografia com encenação dos louvores e foco na preparação para apresentações no culto. 16h30min – As crianças participam de um passeio orientado, relacionado ao versículo trabalhado, ao louvor e ao testemunho apresentado. 17h15min – Após o retorno do passeio, as crianças são convidadas a compartilhar e refletir sobre as experiências e observações realizadas durante a atividade 18h – Encerramento - A evangelizadora distribui às crianças folhas com o louvor ensaiado, em versão impressa, orientando que pratiquem em casa com seus familiares e se preparem para a apresentação no culto seguinte. O encontro é finalizado com uma oração e, em seguida, as crianças são entregues aos seus responsáveis.

Fonte: Elaborado por uma das autoras a partir da observação das práticas no grupo de evangelização

Ao observar a rotina de três horas, organizada em seis momentos sequenciais, observa-se que o louvor está presente em quatro deles, o que indica que é uma ferramenta importante nos encontros de evangelização. Observando atentamente o trabalho da evangelizadora, notou-se que o espaço destinado à evangelização era composto por algumas Bíblias, alguns livros de histórias bíblicas e uma caixa de som utilizada para a reprodução de louvores. Ainda que apresente uma limitação de materiais escritos, esse ambiente é permeado por diversas práticas de letramento que ultrapassam a centralidade do texto escrito. Nessa perspectiva, Brian Street afirma que “as práticas de letramento são sempre práticas sociais, enraizadas em contextos culturais e relações de poder” (Street, 2014, p. 29), o que possibilita compreender que, mesmo diante da escassez de suportes escritos, há uma significativa produção de sentidos e interações letradas nesse contexto.

O início das atividades do grupo é marcado por um clima de alegria e descontração. A evangelizadora compartilha com as crianças como foi sua semana, apresenta vídeos produzidos em seu celular e, diante disso, elas demonstram entusiasmo, desejando também, relatar suas próprias vivências. Esse momento evidencia práticas de letramento que dialogam com a cultura digital e com os repertórios sociais das crianças. Nessa perspectiva, Magda Soares afirma que “letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas exerce práticas sociais de leitura e de escrita” (Soares, 2002, p. 145), ampliando a compreensão para além do texto escrito e incluindo práticas mediadas por diferentes linguagens.

Após esse momento de acolhida, a evangelizadora solicita que as crianças se acalmem e realiza uma oração, abrindo a Bíblia no Evangelho de Filipenses, capítulo 1, versículo 6: “Estou convencido de que aquele que começou a boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”. Nesse contexto, a leitura assume uma função que ultrapassa a simples decodificação, configurando-se como uma prática de letramento religioso, permeada por valores, crenças e intencionalidades que orientam as experiências e significações construídas no grupo.

Logo após, organiza as crianças sentadas posicionadas em rodinha e começa a contar uma história. Essa situação observada, foi registrada no Diário de Campo, conforme excerto a seguir:

Hoje, a Evangelizadora resolveu contar um pouco da vivência dela na igreja, relatou que quando tinha a idade deles, frequentava com sua mãe e seus irmãos os cultos na igreja Deus é amor e quando saía de casa já era avisada de tudo que podia e não podia fazer, expondo com risadas que na verdade pouca coisa podia fazer. Destacou que não tinha a liberdade que as crianças têm na igreja, dizendo que era obrigada a orar uma hora antes de ir para o culto, e lá, se conversasse com os irmãos ou colegas, era suficiente pra entrar em disciplina e o pior, quando chegava em casa ainda apanhava. Porém, apesar desse relato que parecia de tristeza, terminou dizendo que era muito grata pela educação cristã que recebeu de seus pais e que tinha aprendido muito na igreja, tendo um encontro especial com Jesus e entregado sua vida pra ele, enfatizando que tudo que ela tem atualmente é a boa obra realizada pela presença do Espírito Santo em sua vida (Diário de Campo, 05/08/2023).

No excerto anterior, observa-se que a evangelizadora mobiliza relatos de suas experiências na igreja Deus é Amor, associando a disciplina a que foi submetida e a educação cristã recebida como elementos centrais para seu sucesso pessoal. Tal narrativa pode ser compreendida como uma estratégia de produção de sentidos que busca legitimar práticas disciplinares, inclusive castigos e formas de violência física, ao apresentá-las como aceitáveis e moralmente justificáveis. Nessa perspectiva, as crianças são conduzidas à internalização de uma lógica de docilidade diante das punições, bem como à valorização do sofrimento como caminho para recompensas futuras, demonstrando que,

As práticas cotidianas são atravessadas por estratégias que organizam e orientam comportamentos, produzindo modos de agir e de interpretar o mundo; nesse sentido, tais narrativas funcionam como dispositivos que procuram moldar condutas e significados no interior das relações sociais (Certeau, 1994, p. 94)

Também é possível observar que a evangelizadora realiza uma narrativa que conta “sua história de vida pregressa e a posterior aceitação de Jesus Cristo, marcando um antes e um depois, cuja diferença “testemunha” o poder de Jesus Cristo na operação de milagres e na capacidade de transformação” (Cortês 2014). Em relação a sua linguagem durante o relato, a abordagem de Bourdieu é destacada da seguinte forma por Soares (1987, p. 60):

Bourdieu, [...], dirige o seu foco de análise para as relações de força materiais e simbólicas que determinam e condicionam o uso da língua, com o objetivo de mostrar que a estrutura das relações de produção lingüística depende da posição dos interlocutores na estrutura das relações de força simbólicas, que, por sua vez, espelham as relações de força materiais que estruturam a sociedade.

Assim, as contribuições teóricas de Bourdieu permitem que se perceba uma relação intrínseca entre a linguagem e a relação de poder durante seu relato, visto que a evangelizadora é muito admirada pelas crianças. Convém destacar que ela é uma pessoa atuante nas redes sociais, com diversas postagens que ostentam roupas, sapatos e perfumes caros, além de viagens por todo Brasil. Portanto, quando ela relaciona seu testemunho, que é um capital simbólico (Bourdieu 1999), com sua educação cristã (outro capital simbólico) e destaca que foram fatores condicionantes de seu sucesso, se transforma em uma potente estratégia de doutrinação das crianças, arraigadas com o poder simbólico, visto que “o que faz o poder das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia” (Bourdieu, 2007). Essa situação é caracterizada como acúmulo de poder simbólico.

De modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, como o dom, podem permitir acumular poder simbólico (Bourdieu, 2007, p.11).

Assim, fica visível que a evangelizadora é uma inspiração para as crianças e essa influência é também condicionada em seu carisma e, ainda, no seu reconhecimento social, resultando em poder tão eficaz quanto o poder material, pois influencia as crenças, valores e comportamentos das pessoas. O testemunho da evangelizadora, registrado no diário de campo, configura-se como uma prática de letramento situada, na qual sua narrativa se apresenta como gênero discursivo central. Ao compartilhar sua trajetória de vida e sua experiência religiosa, ela produz sentidos que influenciam comportamentos e crenças das crianças. Tal perspectiva dialoga com a compreensão de que Brian Street afirma que “os letramentos são múltiplos e variam de acordo com os contextos sociais e culturais em que se inserem” (Street, 2014, p. 37), evidenciando que o letramento religioso mobiliza práticas específicas, fortemente marcadas por valores simbólicos, extrapolando o espaço dos cultos e encontros de evangelização.

Nas observações das redes sociais das crianças, percebe-se que os vídeos por elas publicados apresentam semelhanças com os da evangelizadora, especialmente nas pregações e nos relatos do cotidiano, destacando proximidades nos gestos, na forma de falar e na descontração. Nesse sentido, observa-se que as práticas de letramento vivenciadas pelas crianças no processo de evangelização

não se limitam ao espaço físico da igreja, estendendo-se ao ambiente digital, conforme evidenciado em suas redes sociais. A reprodução de gestos, falas e formatos de vídeos semelhantes aos da evangelizadora indica processos de apropriação e ressignificação, nos quais as crianças não apenas consomem, mas também produzem discursos. Assim, conforme aponta Magda Soares, “não existe um único letramento, mas diferentes letramentos, que se constituem nas práticas sociais de diferentes grupos” (Soares, 2002, p. 156), o que reforça a ideia de uma multiplicidade de práticas de letramento presentes nesse contexto.

Essa dinâmica também pode ser compreendida à luz do conceito de tática em Michel de Certeau, que afirma que “a tática não tem por lugar senão o do outro [...] ela opera golpe por golpe, lance por lance” (Certeau, 1994, p. 100). Desse modo, as produções das crianças nas redes sociais podem ser entendidas como táticas cotidianas, nas quais elas se apropriam dos discursos religiosos e midiáticos, reelaborando-os de forma situada e criativa no ambiente digital.

Seguindo a análise do trabalho de doutrinação das crianças, após os momentos de leitura do versículo, oração e testemunho, foi realizado o ensaio de louvores. Para este dia o louvor escolhido foi “Boa obra” de Valesca Mayssa:

Quem começou a boa obra é fiel pra terminar, no seu tempo e na sua hora, ele tudo cumprirá, passe os céus e passe a terra, sua palavra não vai passar, porque mais fiel que ele, nunca houve e não haverá (Mayssa, 2021).

Observando esses momentos, notou-se que a evangelizadora utilizou a estratégia de entrelaçar a mensagem do versículo, com o louvor e seu testemunho, potencializando seu relato pessoal, uma vez que a mensagem bíblica representa autoridade divina e o louvor confirmava o ensinamento do versículo, ambos com legitimidade aceita pelo grupo. Dessa forma, mobiliza e articula diferentes práticas de letramento, constituindo uma rede de significados que potencializa sua mensagem.

Essa integração evidencia o letramento religioso como prática social situada, na qual diferentes linguagens, oral, musical e performática, operam conjuntamente na produção de sentidos. Assim, “o letramento está intrinsecamente ligado às práticas sociais e aos contextos em que ocorre” (Barton, 2007, p. 37), permitindo compreender que a autoridade do texto bíblico, somada ao louvor e ao testemunho, fortalece a legitimidade do discurso e amplia seu alcance formativo. Nessa direção, “a linguagem só adquire sentido dentro de práticas sociais que envolvem modos de ser, agir e interagir” (Gee, 2004, p. 17). O momento observado não se restringe à transmissão de conteúdos religiosos, mas envolve a inserção das crianças em um “Discurso” religioso, no qual valores, crenças e identidades são construídos coletivamente.

Em relação ao louvor, percebe-se que apesar de ser extenso, todas as crianças conseguiam acompanhar, cantando com alegria e sem fazer nenhum tipo de leitura. Em vista disso, a experiência de participação nos cultos, na família e no grupo de evangelização, mantendo contato sistemático com os louvores, proporciona que as crianças se apropriem da letra de vários hinos, instrumentalizando-as a participar ativamente desses momentos. Tal situação evidencia práticas de letramento que se constituem pela oralidade, pela memória e pela repetição, demonstrando que a apropriação de textos também ocorre por vias não grafocêntricas. Nesse sentido, “as práticas de letramento envolvem não apenas textos, mas também pessoas, ações e contextos” (Hamilton, 2000, p. 16), ampliando a compreensão do letramento para além da escrita formal.

Essa vivência demonstra que o canto, os gestos e a entonação constituem formas legítimas de produção de sentido. Desse modo, a participação contínua das crianças em cultos, no ambiente fami-

liar e no grupo de evangelização favorece a incorporação de repertórios religiosos, especialmente por meio dos louvores, revelando processos de aprendizagem baseados na imersão em práticas sociais recorrentes. Essas experiências comprovam que os letramentos vivenciados nesse contexto são múltiplos, dinâmicos e atravessados por diferentes formas de linguagem, contribuindo para a construção de identidades e pertencimentos no universo religioso.

Prosseguindo a descrição do trabalho de evangelização das crianças, salienta-se um momento bastante significativo que é o ensaio dos louvores com coreografia em que a evangelizadora, junto com as crianças, vai ensinando gestos para serem realizados ao mesmo tempo em que cantam. O trabalho com louvor e coreografia, pode ser compreendido como uma prática de letramento religioso, na medida em que envolve não apenas a memorização de letras de músicas, mas também a incorporação de gestos, ritmos, expressões corporais e modos de participação próprios do grupo de evangelização, oportunizando que as crianças se apropriam de diferentes linguagens, verbal, musical e corporal, para produzir e compartilhar sentidos da prática religiosa.

Considerando os Novos Estudos do Letramento, Brian Street (2003; 2005) destaca que existem múltiplos letramentos, construídos nas práticas culturais específicas de cada grupo. Assim, o louvor com coreografia pode ser entendido como uma prática de letramento religioso situada, na qual as crianças aprendem não apenas conteúdos doutrinários, mas também formas legítimas de expressão e participação na comunidade religiosa.

Portanto, ao performarem coreografias durante os louvores, as crianças não apenas reproduzem movimentos, mas interpretam e ressignificam os conteúdos religiosos, mobilizando saberes construídos nas interações com seus pares e com os adultos. Sendo assim, o louvor aliado à coreografia configura-se como um espaço privilegiado de aprendizagem e socialização, no qual as crianças desenvolvem competências culturais e simbólicas, ao mesmo tempo em que se inserem e participam ativamente das práticas religiosas do grupo.

Terminado o trabalho com os louvores, as crianças foram levadas para um passeio pela cidade de Santa Vitória do Palmar (RS) com a recomendação de observarem a boa obra de Jesus. Durante a caminhada, elas destacaram o sol, o céu, as flores, árvores, entre outras, foi então que um menino manifestou a vontade de fazer um lanche em uma avenida da cidade, o diálogo entre ele e a evangelizadora foi descrito no Diário de Campo do dia 05/02/2024 da seguinte forma:

B. (7 anos): Profe, bem que poderíamos ir passear nesta avenida à tardinha, sentar e comer um lanche. Evangelizadora: De forma alguma! Esse local é do mundo, a noite só se vê pessoas fumando, bebendo e se drogando, não é um lugar para cristão frequentar. B: Mas profe, na Bíblia diz que precisamos ser luz no mundo e onde a gente for o Espírito Santo vai com a gente, então se formos passear aqui, podemos estar fazendo o bem para essas pessoas trazendo a luz e o Espírito Santo.

Analisando o diálogo entre o menino e a evangelizadora, observa-se que a criança mobiliza conhecimentos construídos nas práticas religiosas para sustentar seu argumento. Ao recorrer a um ensinamento bíblico para questionar a proibição apresentada pela evangelizadora, demonstra domínio do repertório discursivo valorizado naquele contexto e capacidade de utilizá-lo em uma situação concreta de interação.

Mais do que evidenciar uma simples reprodução dos ensinamentos recebidos, o episódio revela que as crianças participam ativamente da produção de sentidos nas práticas religiosas. Nesse processo, os discursos bíblicos são apropriados e mobilizados de formas que respondem às situações vividas, indicando que o letramento religioso envolve também interpretação, argumentação e negociação de significados.

A situação pode ainda ser compreendida à luz do conceito de reprodução interpretativa (Cor-saro, 2009), uma vez que a criança se apropria de elementos da cultura religiosa compartilhada e os utiliza para construir uma resposta coerente com seus próprios interesses e perspectivas.

Após o diálogo entre a evangelizadora e o menino, as crianças encerraram o passeio em uma sorveteria. Nesse momento, foi possível identificar outra situação interpretada como tática de resistência, registrada no Diário de Campo (05/02/2024):

Hoje a evangelizadora levou as crianças para passear em uma sorveteria da cidade. Percebi que A. (8 anos) veio usando batom, então me aproximei dela e falei que estava linda. Ela sorriu e respondeu. “Tia, meu foco é Jesus, mas ele também me ensina a me cuidar”

A fala da menina evidencia que os discursos religiosos circulantes no grupo são apropriados e reinterpretados pelas crianças em suas experiências cotidianas. Ao justificar o uso do batom como uma forma de cuidado consigo mesma, associando essa prática aos ensinamentos de Jesus, a criança mobiliza elementos do repertório religioso para atribuir sentido à própria ação.

O episódio indica que as práticas de letramento religioso não se restringem à assimilação de normas e prescrições institucionais. Ao contrário, envolvem processos de interpretação e construção de sentidos por meio dos quais as crianças articulam valores religiosos e experiências pessoais. Nesse contexto, elas demonstram capacidade de utilizar conhecimentos compartilhados na comunidade religiosa para explicar e legitimar suas escolhas.

Após todos esses momentos de descontração as crianças retornam para igreja para socializar as observações da boa obra de Deus. Para tanto, a evangelizadora destacou que é preciso preservar o mundo da maldade e cultivar a boa obra de Deus e isso só é possível através da “santificação”, que inclui se afastar das coisas consideradas “do mundo” como: festas, maquiagens, bebidas e namoros com pessoas que não são cristãos. Essas orientações podem ser compreendidas como estratégias da evangelizadora para organizar e regular o comportamento das crianças, definindo modos legítimos de ser e agir dentro do grupo religioso.

Outra situação observada foi uma aula de evangelização realizada no dia 5 de fevereiro de 2024. No final dessa aula, uma das autoras estava conversando com duas crianças sobre pessoas que seguem os preceitos religiosos e as meninas sugeriram fazer uma encenação para demonstrar à pesquisadora. Esta situação foi registrada no Diário de Campo, conforme descrito a seguir:

B (6 anos) e E (10 anos) disseram que iriam me apresentar uma peça de teatro: A menina cristã X A menina do mundo, então começaram representando a menina do mundo. E esperou a mãe dormir, fez uma linda maquiagem e pulou a janela para ir a uma festa, só retornou pela manhã. Chegando em casa, deitou e sua irmã perguntou como foi a festa, ela respondeu ter sido maravilhosa que encontrou o namorado, mas já ia arranjar outro pois não era boba. Logo, B, começou a caracterizar a menina cristã, essa obedece a sua mãe e vai dormir cedo, antes ajoelha e ora, quando acorda, ora novamente e a mãe anuncia que é dia de culto e ela louvaria. Então B. procura uma saia e a mãe lembra que não é pra colocar nenhum tipo de maquiagem. Elas vão pro culto e quando voltam comentam que estava maravilhoso e ficaram renovadas pelo Espírito Santo (Diário de campo, 05/02/2024).

Nessa dramatização, as crianças mobilizam elementos narrativos, gestuais e performáticos que demonstram a apropriação dos discursos religiosos. A oposição entre as duas personagens evidencia que elas compreenderam e internalizaram as categorias morais apresentadas, demonstrando domínio de um repertório simbólico que circula no contexto da igreja. Essa encenação pode ser entendida

como uma prática de letramento religioso, pois envolve a capacidade de interpretar, representar e produzir sentidos a partir de discursos socialmente compartilhados.

Entretanto, para além da reprodução das normas, os gestos, a entonação e a expressividade das crianças ao representarem a “menina do mundo”, marcados por alegria, descontração e criatividade, indicam um distanciamento crítico em relação ao discurso prescrito, embora a narrativa final reafirme o modelo da “menina cristã” como ideal. Essa dinâmica reforça a compreensão de que as práticas de letramento religioso não são processos passivos de assimilação, mas espaços de negociação, criatividade e produção de sentidos, nos quais as crianças atuam como sujeitos sociais capazes de interpretar e transformar os discursos que lhes são apresentados. Nessa perspectiva, a dramatização pode ser compreendida como um exemplo de reprodução interpretativa (Corsaro, 2009), pois evidencia que as crianças participam ativamente da construção de significados a partir dos referenciais culturais disponibilizados pelos adultos.

Assim, a encenação oportuniza compreender o letramento religioso como uma prática social que envolve não apenas a circulação de normas e valores, mas também a participação criativa das crianças na produção de sentidos compartilhados.

No encerramento da aula, a evangelizadora distribui às crianças folhas impressas com o louvor ensaiado, orientando que pratiquem em casa com seus familiares e se preparem para a apresentação no culto seguinte. Essa ação pode ser compreendida como uma estratégia pedagógico-religiosa, na medida em que amplia o alcance das práticas de letramento para além do espaço da igreja, envolvendo a família e reforçando a circulação de textos e discursos religiosos no cotidiano das crianças. Ao levar o material para casa, elas poderão ser inseridas em práticas de leitura, memorização, canto e interpretação, evidenciando que o letramento religioso se constitui em diferentes espaços sociais e por meio de múltiplas linguagens.

Contudo, esse processo não ocorre de forma passiva. No contexto doméstico, as crianças podem reinterpretar, adaptar ou negociar os sentidos desses conteúdos conforme suas vivências e interações, mobilizando táticas cotidianas. Como aponta Certeau (1994, p. 93) “a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho”, o que evidencia seu caráter oportuno e inventivo no interior das relações sociais. Assim, ao praticarem o louvor em casa, as crianças não apenas reproduzem o que foi ensinado, mas também ressignificam gestos, entonações e significados, evidenciando sua atuação como sujeitos ativos nas práticas de letramento.

Um último ponto a ser considerado neste texto é a possibilidade de subir ao altar e ter a condição de “levita”, que é o termo utilizado na igreja evangélica para quem canta no altar. A escolha de quem pode ocupar este lugar é regulada por critérios definidos institucionalmente, como a assiduidade nos ensaios e o cumprimento de normas de conduta. Tais critérios configuram estratégias de doutrinação, na medida em que organizam e disciplinam os modos de participação, estabelecendo padrões de comportamento e pertencimento. Isso se explicita também nos documentos da igreja, no excerto do artigo IV, letra b, do Estatuto Interno, está escrito:

Tomamos a postura de orientar nossos membros que usarão o altar, fazer parte dos corais, grupos evangelísticos, ir nos cultos com saias decentes com comprimento mínimo no joelho ou longas até o pé; os homens usar calças adequadas, tendo uma postura decente” (Estatuto Interno da Igreja Pentecostal, [s.d.], 2021, p. 4-5.).

Portanto, este documento determina outra regra necessária para louvar que está relacionada com a padronização do vestuário, estabelecendo “costumes”. Porém, em determinadas ocasiões, observou-se alguns eventos de táticas das crianças para subverter essas regras, embora bastante sutis. Exemplo disso é o excerto do Diário de Campo no dia 23/11/2023:

Hoje no culto o Grupo das crianças foi chamado para apresentar um louvor e a menina B. (7 anos) apareceu usando calças. A evangelizadora chegou perto dela, abraçou e disse que para louvar no altar, era necessário usar saia ou vestido. A menina respondeu: o pastor falou no culto que não se leva roupa pro céu, eu já orei, fui obediente com meus pais, fiz tudo certinho, então, Jesus vai receber com alegria meu louvor e nem vai dar bola por eu estar de calça.

A situação relatada no excerto anterior é potente em vários aspectos, os quais podem ser problematizados a partir de Street, Bourdieu, Certeau e, ainda, de Corsaro. Na perspectiva do letramento (Street), observa-se que a criança sabe o que deve ser feito ao louvar no altar, ou seja, ao participar de vários eventos de letramento nos cultos que frequenta, foi aprendendo o que fazer bem como o significado das ações e interações, tornando-se uma prática de letramento conhecida. Do mesmo modo, ela sabe sobre a restrição ao uso de calças por meninas no altar, uma vez que é reiteradamente enfatizada pela evangelizadora durante os encontros, sendo a desobediência acompanhada de repreensões e castigos.

O fato da evangelizadora chegar perto da criança e a abraçar, antes de repreendê-la por estar usando calças, demonstra o poder simbólico que é “um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que lhe o credita [...] que lhe confia pondo nele a sua confiança.” (Bourdieu, 2002, p. 188). Avançando nesta análise, observa-se que a criança entende claramente esse poder, inclusive citando o pastor, que está hierarquicamente acima da evangelizadora e justifica “o pastor falou no culto que não se leva roupa pro céu”. O que também pode ser interpretado como uma tática de resistência com elevado nível de argumentação “eu já orei, fui obediente com meus pais, fiz tudo certinho”.

Dessa forma, ao mobilizar um enunciado legitimado pela autoridade religiosa para justificar sua ação, a criança não apenas resiste à norma, mas também a ressignifica, demonstrando que o letramento religioso envolve processos dinâmicos de interpretação, negociação e produção de sentidos

3. Considerações acerca da evangelização infantil e letramento

Este artigo apresentou dados de uma pesquisa sobre as práticas de letramento com crianças no contexto pentecostal. Foram mobilizados além dos conceitos de eventos e práticas de letramento a partir dos Novos Estudos do Letramento (Street, 2010), os conceitos de poder simbólico (Bourdieu, 2007) e táticas (Certeau, 1994). Essa convergência de conceitos, considerada de certa forma ousada e inovadora, também contou com a contribuição da sociologia da infância (Corsaro, 2011, 2009), uma vez que se partiu do pressuposto de que as crianças são sujeitos sociais e produtores de cultura, capazes de interpretar, negociar e ressignificar discursos institucionais.

Conforme foi possível observar ao longo do texto, a igreja pentecostal em que as crianças estão inseridas destina uma parte significativa do tempo dos cultos à atividade do louvor. Ou seja, é por meio dos louvores que se articulam pregações, coreografias e performances musicais, envolvendo também a participação da banda da igreja, composta por adultos, jovens e, ocasionalmente, crianças do grupo de evangelização. A possibilidade de integrar esse grupo constitui-se como um elemento de prestígio e desejo entre as crianças, evidenciando que o louvor não é apenas uma prática religiosa, mas também um espaço de aprendizagem, reconhecimento e pertencimento. Nesse sentido, o louvor foi aqui compreendido como uma prática de letramento religioso, pois mobiliza diferentes linguagens, verbal, musical e corporal e insere as crianças em formas específicas de dizer, agir e se expressar no interior da comunidade.

O artigo demonstrou ainda que embora todas as estratégias de doutrinação adotadas pela igreja, as crianças reagem com táticas, adaptando-as aos seus próprios interesses, questionando de maneira convincente a doutrinação, demonstrando capacidade de apropriação e reinterpretação, e até mesmo de resistência..

Nesse processo, as crianças não apenas absorvem as estratégias de doutrinação, mas também as reinterpretem à luz de suas próprias experiências e compreensões do mundo. Essa abordagem lhes permite desenvolver táticas de resistência sutis, questionando e subvertendo o controle, as normas e as regras estabelecidas.

Embora os evangelizadores sejam os detentores das estruturas de poder, utilizando-se das mais variadas formas de controle e imposição, valendo-se do que Certeau denomina de estratégias, o lado aparentemente mais fraco, os evangelizados, usam de maneira extremamente sutil, táticas de resistência. Isso demonstra que em grande parte o letramento religioso é construído dentro de tensionamentos

Referências

- AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. *El abordaje etnográfico en la investigación social*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2007.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-79.
- BARTON, David. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2007.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. Literacy practices. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIČ, Roz. *Situated literacies: reading and writing in context*. London: Routledge, 2000. p. 7-15.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana. In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *Apesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.
- CELLARD, André. *Análise documental*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CELLARD, André. *A análise documental em pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 106, p. 31-50, 2009.

- CORTÊS, Mariana. O mercado pentecostal de pregações e testemunhos: formas de gestão do sofrimento. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 184-209, 2014.
- GEE, James Paul. *An introduction to discourse analysis: theory and method*. 2. ed. New York: Routledge, 2004.
- GIALDINO, Irene Vasilachis de. *Estrategias de investigación cualitativa*. Barcelona: Gedisa, 2007.
- GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIČ, Roz. *Situated literacies: reading and writing in context*. London: Routledge, 2000. p. 16-34.
- HEATH, Shirley Brice. *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- KLEIMAN, Angela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- MAYSSA, Valesca. *Boa obra*. Intérprete: Valesca Mayssa. [S.l.]: Todah Music, 2021. Disponível em: <https://music.youtube.com/>. Acesso em: 28/03/ 2023.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2006.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel; CERISARA, Ana Beatriz (org.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas*. Porto: ASA, 2006.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1987.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.
- STREET, Brian V. What's "new" in New Literacy Studies? *Current Issues in Comparative Education*, New York, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.
- STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 2014.

Recebido em: 28/04/2026

Aceito em: 03/07/2026

[1] Os procedimentos éticos foram inicialmente orientados pela explicitação dos princípios e das etapas da pesquisa, garantindo que todos os participantes fossem devidamente informados e consultados quanto ao interesse em integrá-la. A anuência dos adultos foi formalizada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, enquanto, no caso das crianças, registrou-se sua concordância por meio de desenhos, respeitando suas formas de expressão. A participação das crianças contou, ainda, com a autorização de seus responsáveis legais. Posteriormente, a pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética , obtendo parecer favorável.

